



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**EU CONHEÇO ESSE BICHO! PERCEPÇÃO DE ALGUNS MAMÍFEROS
HABITANTES EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DA REGIÃO SUL DA BAHIA,
COM ÊNFASE NO SAGUI-DE-WIED, *Callithrix kuhlii***

Leandro Lessa Bezerra¹

Romari Martinez Montaña²

RESUMO: A região Sul da Bahia constitui um centro de endemismo pouco estudado na Mata Atlântica. A região mistura fragmentos florestais em bom estado de conservação, sistemas agroflorestais e ocupação urbana não planejada. O tipo de vizinhança no entorno de fragmentos pode afetar profundamente a diversidade biológica e os processos ecológicos. Assim, conhecer o que a comunidade percebe com relação à fauna que a rodeia pode ser o primeiro passo para o planejamento de Programas de Educação Ambiental (PEA) que atinjam os objetivos de conservação e manejo sustentável almejados por todos. Este trabalho avaliou o conhecimento das comunidades em torno da estrada Ilhéus – Itacaré em relação a mamíferos silvestres, com foco no sagui-de-Wied, *Callithrix kuhlii*, único calitriquídeo endêmico da região. Foram realizadas 51 entrevistas projetivas semi-estruturadas, com fotografias de 6 mamíferos comuns em áreas antropizadas. Em todas as comunidades registrou-se a presença dos *C. kuhlii*, com grande frequência de reconhecimento. Dos entrevistados, 16 identificaram diferenças entre *C. kuhlii* e *C. penicillata*, mostrando forte correlação do reconhecimento com a idade (Coef. C= 0.3697). *Didelphis aurita*, o saruê, foi a segunda espécie mais reconhecida, evidenciando que o maior contato com a espécie fornece maior reconhecimento.

Palavras-chave: Mamíferos; Percepção Ambiental; Etnozoologia; *Callithrix kuhlii*.

ABSTRACT: The southern region of Bahia is a center of endemism scarcely studied in the Atlantic Forest. The region is a landscape of forest fragments with good conservation status, agroforestry and unplanned human occupation. Thus, assessing community perceptions regarding wildlife close to their surroundings can be the first step in Environmental Education planning, to achieve the goals of conservation and sustainable management desired by all. This study assessed local community knowledge about wild mammals, focusing on Wied's black-tufted-ear marmoset, *Callithrix kuhlii*, the only endemic callitrichid in this region. 51 projective semi-structured interviews were conducted, using 6 photographs of common mammals in the area. The study was performed in six localities along the "Ilhéus-Itacaré" road (BA- 001). All

¹ Estudante de Ciências Biológicas Bacharelado na Universidade Estadual de Santa Cruz, 45662-900, Ilhéus, Bahia, Brasil. leolessabezerra@hotmail.com

² Bióloga. Profª. Drª. do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz, 45662-900, Ilhéus, Bahia, Brasil. cebus@yahoo.com

interviewees recognized *C. kuhlii* from *C. jacchus*, but few were able to identify it as different from *C. penicillata*. Recognition rates were highly correlated with age (coef. $C = 0.3697$). *Didelphis aurita*, the “sarue”, was the second most recognized species, showing that a higher contact with the species provides higher recognition rates.

Key words: Mammals; Environmental Perception; Ethnozoology; *Callithrix kuhlii*.

INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica encontra-se entre os biomas com maior diversidade biológica e mais ameaçados do planeta. Representa uns dos 7 *hotspots*³ mundiais internacionalmente conhecidos como de maior prioridade para conservação (LANDAU, 2003). A região da Mata Atlântica do Sul da Bahia constitui um dos centros de endemismo mais prioritários de todo o bioma. Dentre os mamíferos endêmicos da região estão o sagui-de-Wied (*Callithrix kuhlii*), o mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*), o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*) e o ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus*) (KINZEY, 1982).

Segundo Diegues; Viana (2000), o tipo de vizinhança e uso da terra no entorno de fragmentos pode afetar profundamente a diversidade biológica, os processos ecológicos e a sustentabilidade de remanescentes florestais. Portanto, conhecer o que a comunidade pensa sobre o ecossistema e os animais é de fundamental importância para conservação e manejo da fauna. Além disso, é importante conhecer as atitudes direcionadas aos animais, pois nem sempre o conhecimento ecológico está associado a práticas de manejo e conservação (BEGOSSI *et al.*, 1999; BEGOSSI *et al.*, 2004). Um Programa de Educação Ambiental (PEA) deve ser planejado, segundo Wood; Wood (2008), a partir de problemáticas ambientais a serem resolvidas. Esses problemas estão ligados às atitudes direcionadas aos recursos ambientais tanto das comunidades que usufruem quanto dos gestores públicos. Uma das etapas do planejamento de PEAs é a escolha do público alvo, que pode ser facilitada a partir de estudos etnobiológicos de comunidades em contato direto com os recursos naturais a serem preservados.

Os primatas são um importante instrumento para se promover a conservação de toda fauna e flora que participam de sua ecologia, por serem carismáticos e bem conhecidos pelo público geral (LIMA, 1990; RODRIGUES, 2011). Dentre os primatas do Novo Mundo está o

³ *Hotspot* é um termo extraído do inglês e de uso bastante frequente na literatura conservacionista. O responsável pelo cunho do termo foi Norman Myers, em 1988, que define *hotspot* como florestas tropicais que apresentem uma concentração grande de espécies endêmicas e que estas estejam em altos graus de ameaça de extinção. A popularização do conceito veio com a livre utilização pela ONG *Conservation International* e a publicação de um livro e um artigo no periódico científico *Nature*, onde foram definidos os *hotspots* do mundo e seus graus de relevância.

gênero *Callithrix*, com seis espécies (RYLANDS *et al.*, 2000), todas endêmicas do Brasil (BICCA-MARQUES, SILVA; GOMES, 2006). Os *Callithrix* são pequenos primatas com cauda não-preênsil, unhas na forma de garras, exceto pelo hálux, ausência do 3º molar em cada fileira de dentes e normalmente, geram gêmeos (GARBER, 1992). Todos os membros desse gênero carecem de dimorfismo sexual, com um peso adulto variando entre 300 e 500 g (STEVENSON e RYLANDS, 1988).

Callithrix kuhlii, endêmico da região entre os rios Jequitinhonha (ao sul) e Contas (ao norte), utiliza amplamente o mosaico de tipos florestais no sul do Bahia, incluindo a cabruca, florestas em regeneração, mata de borda, e campos abandonados (RABOY; CANALE; DIETZ, 2008), sendo bem adaptado a habitats considerados marginais (KINZEY, 1997). Essa propriedade auxilia a espécie a invadir ambientes modificados antropicamente (FERRARI, 1996) e possibilita o estabelecimento de suas populações em parques, praças ou qualquer fragmento florestal, independente do seu tamanho, fato que também é favorecido pela conectividade natural entre espaços verdes urbanos (RUIZ-MIRANDA *et al.*, 2006).

A presença de sagüis em ambientes urbanos é uma realidade no Brasil. Brandão (2006) estima que aproximadamente 10.000 indivíduos coexistam com a população humana apenas no Rio de Janeiro. A atividade antrópica pode estar alterando a ecologia de várias espécies de calitriquídeos em geral (BOERE *et al.*, 2000).

Devido à grande sociabilidade dos calitriquídeos e ao seu domínio crescente dos espaços urbanos, a interação entre esses animais e humanos é cada vez mais comum. De acordo com DUBAUSKAS (2007), os sagüis representam um problema potencial para as populações humanas e de outras espécies, competindo por alimentos e refúgios, gerando acidentes e sendo portadores de potenciais zoonoses e antropozoonoses. Por outro lado existem interações positivas que podem ser ressaltadas, visto que os o encanto e simpatia dos sagüis pode servir para atrair o interesse e o compromisso conservacionista tanto de moradores quanto de visitantes das regiões onde habitam. Todavia, as interações entre sagüis e grupos humanos precisam ser esclarecidas, e esse contato deve ser contemplado nos planos e projetos das secretarias de Saúde, Educação e Turismo daqueles municípios, com informativos distribuídos para a população, para turistas em pousadas e outros locais de passagem dos grupos de sagüis, e até mesmo ser incluso no cronograma de atividades da educação formal. O presente trabalho tem por objetivo avaliar o conhecimento das comunidades em torno da rodovia BA001 (estrada Ilhéus – Itacaré) em relação ao *Callithrix kuhlii*, sua diferenciação com os cogenéricos e outros mamíferos naturalmente confundidos

com primatas com o intuito de subsidiar informações para a elaboração de um Programa de Educação Ambiental.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de Estudo

O estudo foi realizado em seis comunidades localizadas ao longo da rodovia Ilhéus - Itacaré (BA-001), todas do município de Ilhéus. Existem 3 Unidades de Conservação na região: duas de uso sustentável, a Área de Proteção Ambiental – APA – da Lagoa Encantada e a APA Itacaré – Serra Grande; e uma de proteção integral, o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC). São essas: São Domingos (Km 5; S 14.97538°, W 039.29715°), Vila Juerana (Km 10; S 14.96767°, W 039.32436°), Condomínio Barramares (Km 16; S 14.62001°, W 039.06374°), Ponta da Tulha (Km 20; S 14.59330°, W 039.05886°), Ponta do Ramo (Km 27; S 14.52594°, W 039.04391°) e Sargi (Km 32; S 14.50031°, W 039.03994°). A escolha desses locais procurou abranger segmentos das áreas de influência das APAs mencionadas anteriormente.

Nas localidades são encontrados fragmentos de mata atlântica, o sistema agroflorestal cabruca, brejos, manguezais e restinga. As áreas estuarinas correspondem a trechos do rio Almada que cortam as duas primeiras localidades, São Domingos e Vila Juerana. As comunidades se desenvolveram basicamente às margens da rodovia ligando Ilhéus a Itacaré (BA-001). Esta rodovia foi construída em 1998 com a finalidade de fortalecer o turismo na região. Porém a urbanização no trecho ocorre de forma não planejada, sem assistência da prefeitura. Como exemplo disso, nenhuma das comunidades visitadas possui sistema de saneamento básico, e a falta de uma política habitacional tem forçado à ocupação das áreas de manguezais apesar de encontrarem-se protegidos por diversas legislações (OLIVEIRA, 2008).

Metodologia

Os dados foram obtidos no período de maio a outubro de 2010. Uma primeira sondagem era feita inicialmente em estabelecimentos comerciais para estimular a atenção de outras pessoas e conseguir mais informações sobre a espécie focal, o *Callithrix kuhlii*. A partir destes indicava-se outros, baseado na técnica “bola de neve” (BALDIN e MUNHOZ, 2011). Nessa técnica, os primeiros entrevistados são escolhidos aleatoriamente e estes indicam novos entrevistados que, segundo suas concepções, são mais sábios no caso estudado, e estes

indicam outros, e assim sucessivamente. Cada entrevista se iniciava com a apresentação do pesquisador e uma breve explanação sobre a pesquisa. A cada entrevistado, era apresentado um conjunto de seis fotografias (Figura 1) em resoluções e escalas semelhantes. Em seguida, solicitava-se deles que indicassem se cada foto correspondia a um primata, qual o nome que dava aquele animal, se já tinha visto ele alguma vez, e onde seria possível encontrá-lo. O entrevistado podia observar as imagens à vontade e fazer perguntas a respeito dela. As dúvidas geralmente eram respondidas após a observação de todas as fotografias, junto com informações gerais sobre cada espécie. As respostas foram registradas em uma planilha individual. Além dos moradores das comunidades, foi entrevistada uma turma do programa Pró-Jovem. O Pró-Jovem é um dos quatro eixos do Programa Nacional de Inclusão de Jovens, lançado em setembro de 2007 pela Presidência da República. Destina-se aos jovens de 15 a 17 anos pertencentes a famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família ou em situação de risco social - de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). O programa tem como finalidade primeira proporcionar formação integral aos jovens, por meio de uma efetiva associação entre a formação básica, qualificação profissional e participação cidadã. As atividades variam de acordo o município, ou até mesmo, o núcleo em que se encontra. Essa entrevista peculiar fez parte das atividades da Semana de Meio Ambiente e foi seguida por uma breve palestra sobre os animais nas projeções. Nesta situação, as fotografias circulavam pelo espaço, para que não se prejudicasse uma observação frontal e detalhada da foto, pelo tempo que cada entrevistado julgasse necessário. As respostas foram registradas de forma escrita, em um questionário padrão, junto com a idade e o sexo do entrevistado. Os dados foram transformados a uma escala numérica para ser analisados estatisticamente. A análise dos dados seguiu o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976 *apud* MARQUES, 1991), em que todas as informações obtidas nas entrevistas são consideradas. Alguns dados foram agrupados por faixa etária e feito análise de contingência C para determinar a magnitude de associações das variáveis usando o programa BioEstat 5.0 (AYRES *et al.*, 2005).

A



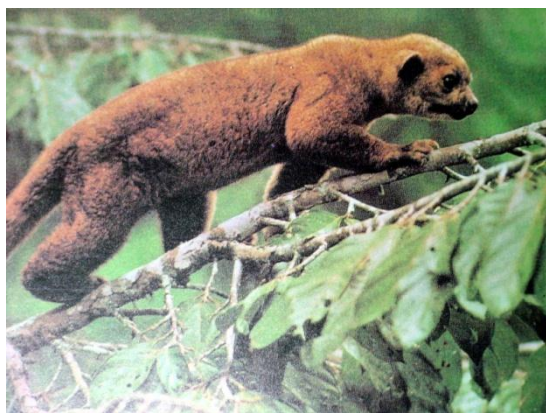
B



C



D



E



F



Figura 1 – A. *Callithrix kuhlii*. B. *Callithrix penicillata*. C. *Callithrix jacchus*. D. *Potos flavus*. E. *Nasua nasua*. F. *Didelphis aurita*. Fotos obtidas do Google-Imagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em todas as localidades mostrou-se interesse em participar da pesquisa, principalmente após a visualização da imagem do *Callithrix kuhlii*, demonstrando sempre ser um tema cotidiano e de conhecimento generalizado entre os entrevistados. No total, foram realizadas 51 entrevistas. A média de idade dos entrevistados foi de 38,14 anos, variando de 15 a 74 anos, sendo 31,37% na faixa etária até os 20 anos, 15,69% de 20 a 35 anos, 19,61% de 35 a 50 anos e 33,33% acima de 50. Os indivíduos menores de 18 anos foram entrevistados no espaço do Programa Pró-Jovem. A maioria dos entrevistados foi do sexo masculino (53%).

Os entrevistados de todas as localidades reconheceram aos calitriquídeos (*Callithrix kuhlii*, *C. penicillata* e *C. jacchus*) como primatas. O contato com os sagüis e a intimidade com estes foi notório não apenas nas entrevistas, mas foi observado diretamente diversas vezes pelo pesquisador e registrado em fotografias. Em todas as entrevistas foi reconhecido o *Callithrix kuhlii* como espécie diferente do *C. jacchus*, mas existiram confusões na sua diferenciação com o *C. penicillata*. Dos entrevistados, 68,63% não reconheceram diferenças entre ambas espécies, apontando como os mesmos organismos. Existem muitas semelhanças fenotípicas entre ambas, inclusive já foram consideradas a mesma espécie até a década de 80, mantida por alguns pesquisadores até os dias atuais (DE VIVO, 1988). *Callithrix kuhlii* possui bochechas e garganta grisalhas, tufos pré-auriculares pretos, dorso listrado e escuro, e manchas castanho-avermelhadas nas coxas, enquanto *C. penicillata* não possui essas manchas, sendo de cor grisalha a castanho não conspícuo, e o diâmetro de pêlo grisalho da face é menor. Os filhotes são mais distinguíveis, pois *C. kuhlii* gera uma prole com coloração mais escura que *C. penicillata* (NEVES, 2008).

O status taxonômico de *C. kuhlii* como espécie válida se dá a partir de 1985, depois de observações de campo e hibridações experimentais por Coimbra-Filho (NEVES, 2008). O autor discute o estado de conservação de *C. kuhlii*, porém não descreve a espécie. No ano seguinte o mesmo autor descreve a espécie em relação ao seu comportamento e quanto a sua distribuição geográfica, ficando como o autor da denominação *Callithrix kuhlii*. Em 2006, Coimbra-Filho *et al.* apresentaram um consistente trabalho sobre a taxonomia de tal sagüi. O artigo traz indícios sobre a validade de *C. kuhlii* como espécie distinta. A publicação traz análises de híbridos, na natureza e em experimentos, análises do hábitat, da anatomia dental e craniana, da genética e vocalização, assim como uma lista de todas as peles depositadas nos diversos museus do mundo e o registro de todas as localidades onde a espécie foi confirmada.

Dos 31,37% entrevistados que reconheceram *C. penicillata* como espécie distinta de *C. kuhlii*, todos afirmaram ter um contato muito frequente com o animal, apesar de não relacioná-lo a qualquer perigo zoonótico. De acordo a Tabela 1, quanto maior foi faixa etária maior a quantidade amostrada de diferenciação dos cogêneros, havendo forte associação entre a idade e a diferenciação (Coef. C = 0.3697). Observando as faixas etárias medianas (20 a 35 anos e 35 a 50 anos), espera-se que o número de acertos fosse igual ao de erros. Porém a porcentagem entre entrevistados com até 20 anos foi 1,96% em relação a amostragem total, correspondendo a um único entrevistado, que afirma um contato com a espécie focal desde a infância, com tentativas de domesticação desta. É um número agravante, pois demonstra

pouca observação e certo distanciamento da fauna local, principalmente dessa espécie presente no cotidiano dessas localidades. Esse fato dá subsídio ao estabelecimento de programas de educação ambiental diferencial para jovens que evidencie o endemismo da espécie, remarcando as diferenças com *C. penicillata*. Sendo sua distribuição restrita a nossa região, o reconhecimento dessa unicidade de *C. kuhlii* é chave para que as pessoas se identifiquem afetivamente com a espécie, querendo conservá-la.

Tabela 1 – Diferenciação dos cogêneros *C. kuhlii* e *C. penicillata* pelos entrevistados.

Idade	Número de entrevistas	Acertos	Erros
até 20	16	1	15
20-35	8	4	4
35-50	10	5	5
acima de 50	17	6	11
Total	51	16	35

Em relação a *C. jacchus*, 96,08% dos entrevistados afirmaram nunca ter avistado algum espécime. Houve uma reposta em que o identificava como um sagüi senil e outra como um mico-leão senil, devido aos tufo auriculares brancos característicos da espécie, que conferem uma aparência “grisalha” ao animal. Por ser a espécie de mais ampla distribuição geográfica, e de maior plasticidade adaptativa, *C. jacchus* seria espécie objeto de maior comércio ilegal como animal de estimação, com amplas possibilidades de adaptação ao meio natural se for liberada ou escapasse do cativeiro. Sendo assim, é necessário conferir a possibilidade da presença dele nos ambientes de *C. kuhlii*. Existe pelo menos um registro visual de *C. jacchus* em cativeiro na cidade de Ilhéus (RODRIGUES, 2011), portanto, havendo indícios da presença dessa espécie na região, decidi investigar se a população local reconhecia o animal. Sabe-se que *C. penicillata*, assim como *C. jacchus*, têm uma maior flexibilidade adaptativa em comparação com as demais espécies do mesmo gênero (RYLANDS, 1993; MENDES, 1997). Sendo extremamente eficientes na colonização de ambientes perturbados, essas espécies poderiam extinguir localmente populações de outros *Callithrix* ou facilitar a perda de alelos únicos da espécie por hibridação (MENDES, 1997). Devido ao rápido avanço das populações de *C. jacchus* em outras regiões do Brasil, fora da sua área natural de ocorrência (como as cidades de Rio de Janeiro e Florianópolis), também é necessário incluir em programas de educação ambiental na região, noções para o reconhecimento desses animais como diferentes do *C. kuhlii*. Isso serviria como um mecanismo para frear uma introdução acidental na natureza de calitriquídeos cogêneros

usados como animais de estimação, fator que desencadearia o aumento das populações fora da sua distribuição geográfica natural.

Quanto às informações sobre o local onde encontram o *C. kuhlii*, 98,04% dos entrevistados informaram ser comum encontrá-los. Isso se faz evidente em depoimentos dos entrevistados, do tipo “*encontro todos os dias em qualquer lugar do vilarejo*”, “*encontro eles sobre os fios*”, “*em qualquer tipo de árvore*”. Apenas uma pessoa considerou fragmentos florestais conservados próximos a sua moradia como o lugar onde se encontravam os sagüis. Essa é mais uma evidência do estreito contato entre os micos e os moradores em todas as localidades, levantando preocupação com relação à possibilidade de transmissão de doenças tanto dos micos para os humanos quanto dos humanos e seus animais domésticos para os micos. De modo geral, é os programas de educação ambiental devem esclarecer a população em contato direto com esses animais a noção do perigo potencial que isto representa para a sua saúde e a deles. Todavia, qualquer programa deve antes fazer ênfase nas características que fazem da espécie focal única, como o fato de ser endêmica da região, e remarcar as diferenças com os cogêneros. Um aumento da empatia com o animal é fundamental para o sucesso de qualquer programa de educação ambiental onde o foco seja marcar o potencial perigo que esse animal representa, pois corre-se o risco das pessoas decidirem exterminar as populações do sagüi por medo a contrair enfermidades, como aconteceu no ano 2006 em Brasília, após um surto de febre amarela, quando pessoas mataram vários exemplares de *Cebus libidinosus* no parque “Estação Água Mineral” após ouvir que esses animais eram reservatório natural da doença (MARTINEZ, comunicação pessoal).

Em relação aos outros mamíferos, o jupará (*Potos flavus*) foi o que manteve maior incerteza quanto a sua identificação, pois 74,51% dos entrevistados definiram não ter certeza se este animal seria ou não um primata, sendo que 97,37% destes afirmaram nunca ter avistado o animal. É um fato na região achar o jupará um macaco, embora essa confusão pode ter acontecido também devido a esta fotografia ser posterior a três fotos de espécimes do gênero *Callithrix*, para o qual a percepção como primata foi bem definida. Apenas 21,57% dos entrevistados afirmaram com certeza que o *P. flavus* não era um macaco. Esse percentual é semelhante ao número de entrevistados que já avistaram o animal (25,49%). A caracterização deste animal como primata é comum, pois são arborícolas (FORD e HOFFMANN, 1988), possuem cauda preênsil, rostro arredondado e são onívoros, alimentando-se de frutas, sementes, insetos e néctar (FLEMING e WILLIAMS 2009). Porém representou apenas 3,92% das respostas.

A porcentagem de entrevistados que afirmam nunca ter avistado o animal foi 74,51%, o que pode estar ligado à baixa frequência do animal na região e também por se tratar de um animal noturno, hábito caracterizado por 15,38% dos entrevistados. Considerando apenas os moradores que avistaram o jupará, 23,08% informaram que o avistamento ocorreu em localidades diferentes àquelas onde residem. Outros 23,08% afirmam que o animal era mais freqüente “antes”, sendo esse período geralmente associado a “antes” do crescimento exacerbado da população, vinculado à construção da estrada BA001 (depois do ano 1998). Ademais, 15,38% relacionam os animais a remanescentes florestais maiores, sendo difícil encontrá-los em locais mais antropizados. Em relação à identificação, 80,39% não souberam identificar o animal. Apenas 5,88% dos entrevistados o identificam como jupará, que é um nome mais comum desta espécie. Houve respostas únicas, correspondentes a 1,96% cada uma, denominando a espécie em questão de preguiça, papa-mel (irara), urso, raposa e macaco de cheiro (Tabela 2). É importante ressaltar que todos os entrevistados menores de 18 anos, apresentaram-se alheios a este animal, afirmando que nunca tiveram contato com ele, não conseguindo identificá-lo e apenas um entrevistado afirmou ter visto este na televisão. Este distanciamento com uma espécie nativa da região e comum em outros lugares da Mata Atlântica mostra a necessidade de uma pesquisa de avaliação das populações nessa área e reafirma a criação de um programa de educação ambiental focado nos jovens.

Tabela 2 – Identificação do *Potos flavus*

Identificação	Respostas (%)
Não identificou	80,39
Jupará	5,88
Tamanduá	3,92
Preguiça	1,96
Macaco-de-cheiro	1,96
Papa-mel	1,96
Urso	1,96
Raposa	1,96

Em relação ao quati (*Nasua nasua*), de todos os entrevistados, 68,63% afirmaram que este animal não era um primata. Apesar dos hábitos arborícolas, o quati possui rosto mais comprido e não possui cauda preênsil. Esse percentual ultrapassa o número de entrevistados que afirmam ter avistado o animal (60,78%), o que demonstra que *N. nasua* pode ser reconhecido como não primata mesmo sem ter sido avistado. Dos entrevistados, 33,33% o conhece como quati. 7,84% afirmam ser um tamanduá. A mesma porcentagem,

correspondente a indivíduos menores de 18 anos, utiliza o termo caça para identificar o animal, o que apresenta-se uma percepção utilitária do animal. Mais uma vez, é notável o distanciamento dos jovens com o animal em questão e a falta de uma empatia. Ademais, 3,92% o identificaram como guaxinim e houve respostas individuais (iguais a 1,96%) afirmando se tratar de um gato, de raposa, de guará ou mostrando dúvida se representaria um tamanduá ou um tatu (Tabela 3). Quanto ao seu local de moradia, 13,73% afirmam que ele está presente nos fragmentos florestais próximos às localidades. 9,8% relatam ser mais difícil encontrá-lo em lugares muito antropizados, 5,88% alegam ter visto na televisão. A mesma porcentagem apresentou-se para avistamentos em localidades diferentes do que a que residiam os entrevistados (Tabela 4).

Tabela 3 – Identificação do *Nasua nasua*

Identificação	Respostas (%)
Não identificou	43,13725
Quati	33,33
Tamanduá	7,84
Caça	3,92
Guaxinim	3,92
Dúvida entre tamanduá e tatu	1,96
Gato	1,96
Guará	1,96
Raposa	1,96

Tabela 4 – Locais de avistamento de *Nasua nasua*

Local	Respostas (%)
Nunca encontrou	52,94
Na mata	13,73
Difícil em lugares antropizados	9,80
Só encontrou em outras localidades	5,88
Vi na TV	5,88
Comum na localidade	3,92
No manguezal	3,92
Em fragmentos florestais	1,96
No cacau	1,96

Quando observada a fotografia do saruê (*Didelphis aurita*), 80,39% dos entrevistados já avistaram-no, sendo a segunda espécie mais conhecida dentre as outras, o que provaria maior frequência da espécie na região, bem como sua conhecida tolerância à antropização e

boa adaptação a ambientes urbanizados. 84,31% reconhecem que o animal não é um macaco. Quanto ao local onde costumam encontrar esses animais, 33,33% informaram ser comum na localidade. 17,65% afirmam encontrá-los nos fragmentos florestais perto das localidades, 7,84% disseram ser difícil de avistá-los. Mais 7,84% confirmam que a espécie já foi mais freqüente, justificando a caça como fator para que isso acontecesse. 3,92% disseram nunca ter encontrado naquela localidade (Tabela 5). Em relação a identificação 68,63% dos entrevistados reconhecem o *D. aurita* por saruê ou sariguê. 11,77% o denominavam de jupati, às vezes pronunciando como *chupati*, todos da localidade Ponta da Tulha. Houve uma resposta identificando como um rato e outra de porco-espinho (Tabela 6). O jupati é o nome vulgar dado ao gênero *Metachirus*, que pertence a mesma subfamília do *D. aurita*, Didelphinae. O fato de apenas uma localidade denominá-lo assim mostra a possibilidade de ter uma população deste marsupial habitando o fragmento florestal adjunto à essa comunidade, ressaltando a necessidade de estudos zoológicos que confirmem a presença dessa espécie na região.

Tabela 5 – Locais de avistamento de *Didelphis aurita*

Local	Respostas (%)
Comum na localidade	35,29
Não respondeu / Nunca encontrou	25,49
Em fragmentos florestais	17,65
Já avistou, atualmente não	7,84
Difícil encontrar na localidade	7,84
Só encontrou em outras localidades	3,92
Em fragmentos florestais, à noite	1,96

Tabela 6 – Identificação do *Didelphis aurita*

Identificação	Respostas (%)
Saruê	68,63
Não identificou	15,69
Jupati	11,76
Rato.	1,96
Porco-espinho.	1,96

CONCLUSÃO

Segundo Wood; Wood (2008, p. 11) quando o educador ambiental não tem como foco um problema ambiental específico, carece de critério para escolher os conteúdos dos programas, o público-alvo e os métodos de comunicação de um programa ambiental. A

análise da percepção ambiental subsidia e direciona esse planejamento, além de ser um primeiro contato com a comunidade onde será aplicado o projeto. No caso específico deste trabalho, ficou evidente que a presença de *Callithrix kuhlii* é comum em todas as localidades visitadas, assim como o contato direto destes com os moradores, porém as comunidades desconhecem os problemas que esse contato pode ocasionar. Este seria o problema foco de um programa de EA.

Os moradores reconheceram os calitriquídeos como primatas, talvez pelo contato maior com a espécie endêmica, mas mostraram-se confusos em relação à diferenciação de *C. kuhlii* e seus co-genéricos e ao conhecimento sobre os outros mamíferos. É evidente que o conhecimento em relação a espécie está influenciado pelo nível de contato das comunidades com estes, pois o saruê teve um reconhecimento considerável. Precisa-se de estudos mais aprofundados sobre a frequência desses animais e um programa de educação ambiental que criem uma identidade entre os habitantes e suas espécies mais comuns. Além disso, deve-se caracterizar bastante a espécie focal, para um reconhecimento de indivíduos do mesmo gênero, que não permita introdução destes nas localidades, evitando hibridizações tão prejudiciais à espécie focal (Neves, 2008). Em relação aos jovens, ficou evidente um programa de EA específico para esse público, que aumente a aproximação destes com a natureza e os façam reconhecer a fauna local.

REFERÊNCIAS:

- AYRES, M., AYRES M. J., AYRES, D. L.; SANTOS, A. S. *Bioestat 4.0. Aplicações Estatísticas nas Áreas das Ciências Biológicas e Médicas*. Belém, Imprensa Oficial do Estado do Pará / Sociedade Civil Mamirauá / MCT, 324 p., 2005.
- BALDIN, N., MUNHOZ, E. M. B. Educação Ambiental Comunitária: Uma Experiência com a Técnica de Pesquisa Snowball (Bola De Neve). *Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental*, Rio Grande, v.27, p.46-60, 2011.
- BEGOSSI, A.; CASTRO, F.; SILVANO, R. Ecologia Humana e Conservação. In: BEGOSSI, A. *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo, Hucitec: Nepam/Unicamp: Nupaub/USP: Fapesp, 2004. p. 332.
- BEGOSSI, A.; SILVANO, R. A. M.; AMARAL, B. D.; OYAKAWA, O. T. Uses of fish and game by inhabitants of an extractive reserve (upper Juruá, Acre, Brazil) In: NATH, B., HENS L., PIMENTEL D., *Environment, Development and Sustainability*, New York, Springer Press, v. 1, 1999. p. 73-93

- BICCA-MARQUES, J. C.; SILVA, V. M. & GOMES, D. F. Ordem Primates, In: REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A. & LIMA, I.P. *Mamíferos do Brasil*. Londrina, Sociedade Brasileira de Zoologia. 2006. p. 101-148.
- BOERE, V.; TILLMANN, L.; RESENDE, M.C.; TOMAZ, C. Uso do Espaço e Comportamento Social em Saguís do Cerrado (*Callithrix penicillata*) Selvagens no Centro de Primatologia da Universidade de Brasília. In: Alonso, C. e Lamgguth, A. *A Primatologia no Brasil*. Ed. Universitária /UFPB, 2000. p. 220.
- COIMBRA-FILHO, A; MITTERMEIER, R.A; RYLANDS, A.B; MENDES, S.L; KIERULFF, M.C.M; PINTO, L.P. The taxonomic of Wied's Black-tufted-earmarmoset, *Callithrix kuhlii* (Callitrichidae, Primates). *Primate Conservation*, Arlington, v. 21, p. 1-29, 2006.
- DIEGUES, A. C.; VIANA, V. M. *Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica*. São Paulo, Ed. NUPAUB-USP, 273 p, 2000.
- DUBAUSKAS, E. 2008. Fauna Brazilis. Home Page: www.faunabrazilis.com.br acessado em 16/09/2011
- FERRARI, S.F. A vida secreta dos sagüís. Modelos do comportamento humano? *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 20, p. 119. 1996.
- FLEMING, T. H., e WILLIAMS, C. F. Phenology, seed dispersal, and recruitment in *Cecropia peltata* (Moraceae) in Costa Rican tropical dry forest. *Journal of Tropical Ecology*, Cambridge, v.6, p.163-178, 2009.
- FORD, L. S., HOFFMANN, R. S. *Potos flavus*. *Mammalian Species*, Northampton, n. 321, p.1-9, 1988.
- GARBER, P. A. Vertical clinging, small body size, and the evolution of feeding adaptations in the Callitrichinae. *American Journal of Physical Anthropology*, Portland, v. 88, p. 469-482. 1992.
- KINZEY, W.G. Distribution of primates and forest refuges. In: PRANCE, G. T. *Biological Diversification in the Tropics*. New York, Columbia University Press, 1982, p. 455-482.
- KINZEY, W.G. Saguinus. In: KINZEY, W. G. *New World Primates: Ecology, Evolution, and Behavior*. New York, Aldine De Gruyter, p. 289. 1997.
- LANDAU, E. C. Padrões de Ocupação Espacial da Paisagem na Mata Atlântica do Sudeste da Bahia, Brasil. In: PRADO P. I., LANDAU E. C., MOURA R. T., PINTO L. P. S., FONSECA G. A. B., ALGER K. *Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia*. Publicação em CD-ROM, Ilhéus, IESB / CI / CABS / UFMG / UNICAMP. 2003. p. 1-15.

- LIMA, S. L. The influence of models on the interpretation of vigilance. In: BEKOFF, M.; JAMIESON D. *Interpretation and Explanation in the Study of Animal Behaviour, Explanation, Evolution and Adaptation*, Boulder, Colorado, Westview Press, v. 2, 1990. p. 246–267.
- MARQUES, J. G. W. *Aspectos ecológicos na etnoictologia dos pescadores do Complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. Tese de Doutorado em Etnoictologia, UNICAMP, Campinas. 1991.
- MENDES, S.L. Padrões biogeográficos e vocais em *Callithrix* do grupo *jacchus*. 1997. 155 p. Tese de Doutorado em Ecologia. Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- NEVES, L. G. *Distribuição Geográfica e Conservação de Callithrix kuhlii (Coimbra-Filho, 1985) (Primates, Callitrichidae) no sul da Bahia, Brasil*. 84 p. Dissertação de Mestrado em Zoologia, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2008.
- OLIVEIRA, O. M. G. de. *A expansão urbana da cidade de Ilhéus – Bahia e a ocupação dos manguezais: o caso do bairro São Domingos*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- RAYBOY, B. E.; CANALE, G.R.; DIETZ J.M. Ecology of *Callithrix kuhlii* and a Review of Eastern Brazilian Marmosets. *International Journal of Primatology*, Washington, v. 29, p. 449-467. 2008.
- RODRIGUES, N. N. *Distribuição espacial e Impactos do Ambiente Urbano em Grupos de Callithrix kuhlii (COIMBRA-FILHO, 1985) (PRIMATES, CEBIDAE) em Ilhéus e Itacaré – Ba*. Dissertação de Mestrado em Zoologia, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. 2011.
- RUIZ-MIRANDA C. R.; AFONSO A.; MORAIS M.; VERONA C.; MARTINS A.; BECK B. Behavior and Ecological Interactions Between Introduced Golden-Lion Tamarins (*Leontopithecus rosalia*) and Introduced Marmosets (*Callithrix sp.*) in Brazil's Atlantic Coastal Forest Fragments. *Brazilian Archives of Biology and Technology*, Curitiba, v.49, n.1, p. 99-109. 2006.
- RYLANDS, A. B.; SCHENEIDER, H.; LANGGUTH, A.; MITTERMEIER, R. A.; GROVES, C. P. & RODRIGUEZ-LUNA, E. An assessment of the diversity of New World Primates. *Neotropical Primates*, Arlington, v. 8, n. 2, p. 61-93. 2000.

RYLANDS, A.B. The ecology of the Lion tamarins, *Leontopithecus*. In: RYLANDS, A.B. *Marmosets and tamarins: systematics, Behaviour and Ecology*, Oxford, Oxford University Press, p.296-313. 1993.

STEVENSON, M. F.; RYLANDS, A. B. The Marmosets, genus *Callithrix*. In: MITTERMEIER R. A., RYLANDS A.B., COIMBRA-FILHO A., FONSECA G. A. B., *Ecology and Behavior of Neotropical Primates*, Washington, D.C, v. 2. World Widelife Found, 1988. p. 131-222.

WOOD, D.S., WOOD, D.A, *Como Planejar um Programa de Educação Ambiental*. Washington, Instituto Internacional para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 53 p., 2008.